

***Não morrerá sem poetas a língua em que cantaste:*
encontros com Camões na épica portuguesa dos séculos
XVII e XVIII**

The language in which you sang will not die without poets:
encounters with Camões in the Portuguese epic of the 17th and
18th centuries

Gil Clemente Teixeira
Faculdade de Letras
Universidade de Lisboa
gilteixeiradoc@gmail.com

Data de receção do artigo: 09-10-2021

Data de aceitação do artigo: 22-11-2021

Resumo

Dos séculos XVII e XVIII, herdamos um mar imenso de poemas épicos de autores portugueses, em tempos de febre camoniana. Em português, em latim ou em castelhano, muitos foram os ensaios do género literário mais considerado à luz da poética clássica. Hernâni Cidade, Fidelino de Figueiredo e, sobretudo, Cabral do Nascimento na obra *Poemas Narrativos Portugueses* (1949) oferecem-nos visões panorâmicas desta produção. Apesar de ser normalmente entendido como um “mar morto de bibliotecas inúteis” (expressão de um dia certamente mais acre do nosso Camilo Castelo Branco), nele navegaremos, auxiliados pelos instrumentos disponíveis, embora não abundantes, e tentaremos encontrar Camões em textos como *O Phaenix da Lusitânia* (1649) de Manuel Tomás, *Castreidos* (1739) de Tomás Caetano de Bem e *A Conquista de Goa* (1759) de Francisco de Pina e Melo.

Palavras-chave: Camões – *Os Lusíadas* – Receção – Poesia épica portuguesa

Abstract

From the 17th and 18th centuries, we inherited a large sea of epic poems by Portuguese authors, in a period of camonian fever based on Camões's

lyrics. In Portuguese, Latin or Spanish, there were many essays of the most recognized literary genre since Antiquity. Hernâni Cidade, Fidelino de Figueiredo and, mainly, Cabral do Nascimento in *Poemas Narrativos Portugueses* (1949) offer us a panoramic vision of this production. Although usually considered a “mar morto de bibliotecas inúteis” (certainly an expression of an acrid day of our Camilo Castelo Branco), we will sail on it, helped by the accessible instruments, though not many, and we will try to find Camões in texts like *O Phaenix da Lusitânia* (1649) by Manuel Tomás, *Castreidos* (1739) by Tomás Caetano de Bem and *A Conquista de Goa* (1759) by Francisco de Pina e Melo.

Keywords: Camões – *The Lusíads* – Reception – Portuguese epic poetry

De Camões, esse “plural e insolúvel coração” (Lourenço 2019: 61) como nos descreve Eduardo Lourenço,¹ herdamos um monumento de palavras de entrada gratuita. Saberá o leitor, porém, que depois de nele entrar não mais será o mesmo e dele não mais poderá sair. Afinal, o olhar de Camões continua a ser como o da Medusa que ele nos deu a conhecer n’*Os Lusíadas*: ao contrário do olhar da Medusa clássica, o olhar de Camões não converte quem ousa fixá-lo “em pedra, não, mas em desejo aceso”.² Conhecer integralmente a poesia camoniana, especialmente essa magna aventura em poesia, esse magno livro de Amor, que são *Os Lusíadas*, pode fazer da Literatura Portuguesa um “largo mundo alumiado”.³

Em Portugal, nos séculos XVII e XVIII, período de sucessivas edições do texto camoniano, como mostrou Isabel Almeida (2015), e de ensino regular de Camões nas escolas jesuíticas (Gomes 1974), muitos foram os que leram e amaram o poeta. Uns amaram tanto que despenderam tempo a encontrar as suas falhas (que todos sabíamos existirem sem nunca o termos lido). Aliás, se lêssemos, entenderíamos que o Poeta sabia de *tudo* antes de nós (bastava-lhe saber os clássicos de cor): é ele que nos apresenta o seu texto como um fraco batel.⁴

¹ Para entender a magnitude de Eduardo Lourenço, veja-se o documentário realizado por Miguel Gonçalves Mendes a ele dedicado e que se intitula *O Labirinto da Saudade* (2018). Citamos três frases que definem quem é Eduardo Lourenço e que no documentário ouvimos, comovidos, pela sua voz com 95 anos: “Sou um amador de mitos.” / “O que eu queria mesmo era voar.” / “Sei tanto agora que tenho quase cem anos como quando tinha dois.”

² *Os Lusíadas*, canto III, est. 142.

³ *Os Lusíadas*, canto II, est. 60.

⁴ *Os Lusíadas*, canto VII, est. 78.

Citaremos alguns nomes de *amadores* com quem muito podemos aprender ainda hoje. Do século XVII, citamos Manuel Pires de Almeida e Francisco Rolim de Moura. No século XVIII/parte do XIX a lista parece aumentar. Em Portugal,⁵ destacaram-se Ignácio Garcês Ferreira, Luís António Verney, José Agostinho de Macedo, Jerónimo Soares Barbosa (com obra póstuma publicada em 1859). No panorama estrangeiro, destacaram-se Voltaire, Paul de Rapin, La Harpe,⁶ Ignácio de Luzan. Aprendamos com José Adriano de Freitas Carvalho: até um monge galego beneditino, Frei Martin Sarmiento, que deveria ouvir a regra de São Bento – *ora et labora* – ousará ser verrinoso com Camões por patriotismo ferido (Carvalho 1981).

Outros amaram tanto que nada chegaram a escrever, entorpecidos pela sua dimensão. Esta atitude assemelha-se, no fundo, à daquele leitor apaixonado de Camões que foi José de Macedo, autor da obra *Antídoto da Língua Portuguesa*, publicada em 1710, sob o pseudónimo de António de Melo da Fonseca. Maria Lucília Gonçalves Pires ensinou-nos já muito sobre este autor: “Poder-se-ia dizer mesmo que a principal forma de exprimir a sua emoção estética é silenciar a sua voz perante o texto admirado.” (Pires 1982: 55).

Outros ousaram escrever depois de Camões (e alguns pagaram bem caro o preço da sua ousadia). Terá razão o crítico brasileiro Afrânio Peixoto, principal responsável pela criação da cadeira de Estudos Camonianos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (facto que ainda hoje dá que pensar): “não é possível, longo tempo tratando Camões, deixar de ser ousado.” (Peixoto 1924: 13). Os séculos XVII e XVIII oferecem cenários diferentes, mas complementares, do que foi a aventura da Literatura em Portugal após a obra de Camões. Já aprendemos com Hans Robert Jauss que a tradição literária não se transmite a si mesma; um passado literário retorna se uma nova receção o atualiza (Jauss 1993). É no âmbito da história da receção d’*Os Lusíadas* na Literatura Portuguesa que este nosso breve estudo⁷ se

⁵ Jose Antonio Sabio Pinilla sistematizou já a crítica a *Os Lusíadas* em Portugal em trabalho de 1990. Leiam-se os capítulos I – “De la publicación de “Os Lusíadas” (1572) a principios del siglo XVIII”, e II – “De la edición de Inácio Garcês Ferreira a la de Morgado de Mateus”.

⁶ Sobre estes três autores franceses, pode ler-se o estudo sistematizador de Sérgio Paulo Guimarães de Sousa dedicado à receção d’*Os Lusíadas* em França até ao século XVIII (1998).

⁷ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no âmbito da II Jornada Científica Internacional do CIMEEP (Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicas), que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nos dias 17 e 18 de fevereiro de 2020.

enquadrará, pequena amostra de um trabalho de doutoramento em curso, sempre guiado pelas cautas e sábias palavras de Américo da Costa Ramalho, cujo centenário de nascimento se comemora em 2021, no prólogo dos seus *Estudos Camonianos*: “A descoberta de que o investigador actual se orgulha é muitas vezes conhecimento antigo, mais ou menos esquecido.” (Ramalho 1980: VII).

Nos séculos XVII e XVIII, podemos avaliar a receção d’*Os Lusíadas* em vários domínios: a crítica literária, a poesia lírica, o teatro, a poesia épica, a poesia paródica. Ficamo-nos aqui pelo género sumamente valorizado já pelas poéticas renascentistas e maneiristas: o épico, esse género universal que na cultura ocidental remonta a essa voz que sempre nos atormentará (Homero), género que, apesar de terríveis profecias, ainda não morreu (Cerqueira 2013-2014).⁸

Muitos autores refletiram sobre a epopeia neste período. No século XVII, Manuel de Galhegos no seu “Discurso Poético” que antecede a *Ulisseia* (1636) de Gabriel Pereira de Castro define o poema heroico como “uma poesia levantada, que tem por fim celebrar das acções do herói valeroso a que foi mais digna de memória” (Galhegos 2000: 445). Conhecedor deste texto, D. Francisco Xavier de Meneses, já na primeira metade do século XVIII, escreve advertências preliminares à sua *Henriqueida* (frígida *Henriqueida*, diz o nosso acalorado Garrett) (Garrett 1984: 28) nas quais esclarece regras que seguiu na composição do poema épico. Este texto, escrito por um autor para quem “a poesia há-de ser alta, e clara, como o são as Estrelas.” (Meneses 1741: 94), é um excelente miradouro do mundo da Épica, portuguesa e universal.⁹ Também Francisco de Pina e Melo reflete longamente sobre o texto épico, primeiro no prolegómeno ao seu poema *Triunfo da Religião* (1756) e depois num texto que antecede o poema *A Conquista de Goa* (1759). No primeiro, traça-se uma história da poesia universal. Afirma Pina e Melo, leitor assíduo dos clássicos: “Se recorremos outra vez à Antiguidade, achamos que o mundo no berço foi embalado com Versos” (Pina e Melo 1756: VI). Se a poesia é

⁸ No nosso entender, felizmente persiste, até hoje, o humano anseio, consciente ou não, de ser herói, de ser mais do que promete a força humana. Veja-se o tempo em que vivemos: ele tornou-se, afinal, um grande poema épico, no qual todos, sem aviso prévio, nos tornamos participantes. Repentinamente, a diferença entre nós e as figuras com corações de papel dos poemas de Homero, e seus sucessores, claramente desapareceu.

⁹ Para a importância de D. Francisco Xavier de Meneses na cultura e na literatura portuguesas, sempre chamou a atenção a saudosa Professora Ofélia Paiva Monteiro. Veja-se o exemplar trabalho conjunto de Ofélia Paiva Monteiro e de Carlota Miranda Urbano (2019).

valorizada nos outros países, tal não sucede em Portugal: “Que mais triste testemunho de tão inculta influência, que o pouco caso que fazemos do nosso Camões!” (Pina e Melo 1756: VII). No segundo texto, recorre sobretudo à teorização do francês Le Batteux, que assegura respeitar no seu poema, e chega a questionar os hipercanónicos Homero e Virgílio, como o fizera anteriormente. Afirma com clareza: “para ser Poeta Épico, é preciso ser tudo” (Pina e Melo 1759), não fosse para ele a epopeia “o mais sublime esforço, que se pode esperar do engenho humano” (Pina e Melo 1759).

Dos séculos XVII e XVIII, herdamos um mar imenso de poemas épicos de autores portugueses (Cabral do Nascimento fala em cento e setenta poemas narrativos ou descritivos impressos, mais oitenta que nunca chegaram a vir a lume) (1949: 7), em grande parte por conhecer e por estudar, como lembra Manuel dos Santos Rodrigues (2010: 59). É verdade que se os poemas épicos impressos ainda merecem muito estudo, os poemas épicos manuscritos estão quase todos - como *ineses* sem *pedros* - postos em sossego em muitas bibliotecas. Em português, em latim ou em castelhano, muitos foram os ensaios do género literário mais considerado à luz da poética clássica. Hernâni Cidade (1948), Fidelino de Figueiredo (1993) e, sobretudo, Cabral do Nascimento (1949) oferecem-nos visões panorâmicas desta produção.

De longe vem a crítica à épica pós-camonianiana: se lermos Luís António Verney no *Verdadeiro Método de Estudar* (1746), a Advertência à *Viagem Extática ao Templo da Sabedoria* (1854) de José Agostinho de Macedo ou o *Curso de Literatura Portuguesa* do nosso Camilo (2ª edição de 1986), que estaria num dia amargo quando nos fala desta produção como um “mar morto de bibliotecas inúteis” (Branco 1986: 35), facilmente damos conta de uma visão negra que paira sobre esta poesia.

Além da fraca qualidade destes poemas épicos, lugar-comum da crítica (e no fundo do coração mandamos calar o inconveniente Duriano de Camões: “Gabam mais a Garcilaso que a Boscán, e ambos lhe saem virgens das mãos”) (Camões 2005: v. 529), outros são os motivos para a pouca atenção dada a esta épica. Um deles será a atenção desigual que foi sempre dada a Camões pela crítica literária em comparação com outros poetas épicos. Concordamos com Hélio Alves quando defende uma revisão da história da poesia portuguesa propondo-nos que, além de vermos o seu Sol (que, não sem amor, dizemos ser Camões), façamos uma viagem interestelar, isto é, a outros poetas épicos (2001: 86), o que exige (é inegável) *tempo* e *energia*. Outro será também a falta de aptidão do leitor contemporâneo para o

poema extenso, numa herança da crítica de Edgar Allan Poe, como lembrou Aguiar e Silva (2008: 96). Mais facilmente se vê uma série com clara matriz épica que esteja acessível na *Netflix*.¹⁰

Não é possível compreender esta poesia sem atender aos modelos, clássicos e contemporâneos. A influência da obra de Tasso neste período já foi sublinhada com fôlego por Manuel Ferro (2004), mas não deve esquecer-se que Camões permanece omnipresente, não fossem os séculos XVII e XVIII um tempo de leitura atenta da sua obra. A presença d' *Os Lusíadas* nestes poemas épicos tem sido apontada:¹¹ no *Condestabre* de Rodrigues Lobo (Cidade 1984: 385-386), no *Afonso Africano* (Quevedo 2013: 131-145), na *Ulisseia* (Ramon 2002), no *Viriato Trágico* (Mascarenhas 1996: XXI-XXIII), na *Insulana* (Nascimento 1949: 54), e poderíamos citar outros. Há, contudo, ainda um largo mundo a alumiar.

Da épica seiscentista e setecentista, do arco temporal que medeia a restauração da independência (1640) e a década de formação da Arcádia Lusitana (1750-1760), selecionamos três poemas de autores pouco estudados, movidos pela razão e pelo coração (é sempre desta mistura, em nosso entender, que se escolhe um *corpus*): *O Phaenix da Lusitânia* (1649) de Manuel Tomás, exemplar da literatura da Restauração; *A Conquista de Goa* (1759) de Pina e Melo, exemplar da épica do século XVIII, ainda menos estudada do que a do século anterior; e o poema *Castreidos* (1739) de D. Tomás Caetano de Bem, exemplar de uma épica em latim que existe em paralelo à épica em vernáculo, amiúde esquecida pelas histórias da literatura, e que não foi, porque não podia ser, indiferente ao legado de Camões. Não faremos aqui e agora uma análise detalhada destes textos. Apenas tentaremos dar a ver como eles podem ser lugares de encontro com Camões.

O poema *O Phaenix da Lusitânia* (Tomás 1649), da autoria de Manuel Tomás¹², foi brevemente analisado por José da Costa e Silva num capítulo do seu ensaio biográfico-crítico (1854: 84-96). Porém, quem atraiu a nossa atenção para este poema foi Cabral do Nascimento. É o crítico que nos garante: “O poema tem alguns lugares felizes e não merecia o abandono a que tem sido votado.” (Nascimento 1940: 5).

¹⁰ As várias declinações da épica têm sido trabalhadas, entre outros, pelo Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos, sediado na Universidade Federal do Sergipe.

¹¹ Sobre a receção d' *Os Lusíadas* na produção épica em castelhano cumpre referir o trabalho de fôlego de Cidália Alves dos Santos (2017).

¹² Para conhecer melhor este autor, ler Martinho Soares (2020).

Aliás, o texto de Manuel Tomás “Aos que hão de ler” parece prometer lugares felizes, lugares iluminados: “a dureza, e escuridade na poesia, mais ofende, que deleita; e é loucura, à clara e fermosa vista do Sol peregrinar à noctívaga e ilimitada luz das estrelas” (Tomás 1649). O herói é D. João IV, é ele o barroco Fénix da Lusitânia, pois dera-se o 1º de dezembro recentemente, embora permanecessem as guerras da restauração. Cabral do Nascimento garante-nos que “A Restauração, verificada em pleno século áureo da poesia portuguesa, foi um argumento que tombou como sopa no mel.” (Nascimento 1949: 58). O mesmo crítico, no texto de 1940, falando sobre a “literatura arqueológica” a que pertence Manuel Tomás, afirma sobre o poeta “A sua musa é então de grande sabor camoniano” (Nascimento 1940: 5).

De facto, a forma do poema segue claramente o modelo camoniano: a oitava rima, o verso decassilábico, a divisão em 10 cantos (não 20 como a obra de Tasso ou 12 como Virgílio). Não faltam expressões decalcadas d’*Os Lusíadas* (das Tágides¹³ às nadantes aves;¹⁴) não falta uma reescrita do episódio de Inês de Castro logo no canto I; não falta um velho venerando no aspeito logo no canto II; não falta a inveja, entidade que desce aos Infernos estimulando a fúria de Plutão;¹⁵ não faltam batalhas entre portugueses e castelhanos que recordam a de Aljubarrota; como novo Gama, o poeta sobe a um monte de onde tem uma ampla visão dos feitos heroicos dos portugueses: patrioticamente, o monte Hermínio;¹⁶ faltam (e a ausência não é menos relevante do que a presença) as ninfas da Ilha dos Amores, desde sempre e ainda hoje, tão perturbadoras dos leitores de Camões. Parece evidente que em Manuel Tomás nos vamos poder encontrar com Camões.

Tomás Caetano de Bem é um autor igualmente esquecido,¹⁷ mesmo com o nome gravado na parede da Biblioteca Nacional de Portugal que regista os seus mecenas do século XVIII. Carlota Miranda Urbano, uma das investigadoras portuguesas mais dedicada à literatura novilatina, notou já que a épica novilatina portuguesa tem estado envolta num manto de esquecimento, devido, em larga medida, ao desconhecimento do latim (Urbano 2004). Porém, em Portugal, a produção de composições latinas em verso épico é significativa e não

¹³ Ler a abertura do canto X do poema em estudo.

¹⁴ Ler, a título de exemplo, a estrofe 76 do canto I.

¹⁵ Ler a estrofe 52 do livro VI.

¹⁶ Ler a estrofe 19 do livro VIII.

¹⁷ A exceção parece ser Sara Ceia que tem dedicado a sua investigação à Ordem dos Teatinos a que pertencia Tomás Caetano de Bem. (Bravo Ceia 2010).

contempla apenas poemas épicos no sentido restrito, mas também outros géneros com matéria épica: panegíricos, descrições, epicédios, epitalâmios, discursos reais ou encenados. A maioria dos poemas épicos novilatinos fazem o elogio de um herói individual e pretendem celebrar a sua ação militar ou religiosa. Um subgénero muito praticado nos séculos XVI e XVII foi a epopeia hagiográfica, na qual um santo ocupa o lugar do herói. Se a produção em latim antes da epopeia camoniana está um pouco estudada, a produção posterior está em grande parte por explorar. Há notícia nos trabalhos de investigação a que acedemos da presença de Camões nestes textos. Citamos exemplos estudados por Carlota Miranda Urbano: o poema *Ignatiados* (1635), de António Figueira Durão (Urbano 2005), cujo herói é Inácio de Loyola, e o *Paciecidos* (1626), do Padre Bartolomeu Pereira (Urbano 2004), cujo herói é o mártir jesuíta Francisco Pacheco (mundo este felizmente recuperado no épico filme de 2016, *Silêncio*, realizado por Martin Scorsese).

O poema heroico *Castreidos* (Caetano de Bem 1739), composto por cinco cantos e publicado em 1739, tem como herói D. João de Castro, quarto vice-rei da Índia. D. João de Castro figura na montra de heróis d' *Os Lusíadas*: logo na estância 14 do canto I, lemos, após o "Albuquerque terrível", o "Castro forte". No canto X, pela boca de Tétis, ouvimos o relato dos feitos do herói, sobretudo o segundo cerco de Diu (estâncias 68-72), "Feitos farão tão dinos de memória / Que não caibam em verso ou larga história."¹⁸ Razão para dizer: o que seríamos nós se Camões não fosse um nato provocador! Não podemos esquecer também o caso do *Sucesso do segundo cerco de Diu* (1574) de Jerónimo Corte-Real que, ainda no século XVIII, é considerado como modelo épico: veja-se logo a primeira nota do canto I no poema de Pina e Melo que estudamos. Em 1651, Jacinto Freire de Andrade escreve a vida de D. João de Castro em prosa. Como escreve Barbosa Machado na licença do paço anteposta ao *Castreidos*, o herói já tinha merecido um novo Floro; faltava agora um Virgílio.¹⁹ Evidentemente, a *Eneida* é um texto com o qual o poema dialoga intensamente, mas não é possível ignorar o diálogo com *Os Lusíadas*.

Atentemos apenas nos argumentos dos cinco cantos, traduzidos do latim, e neles fica evidente a inspiração camoniana:

¹⁸ *Os Lusíadas*, canto X, est. 71.

¹⁹ Para estes autores, nunca é demais lembrar, o mundo é sempre visto de acordo com a pauta dos clássicos.

Canto I:

D. João de Castro, navegando de Goa para auxílio de Diu, é oprimido pela força de uma tempestade, que Baco provoca, conluiado com Éolo. Neptuno acalma a tempestade graças às preces de Vénus, que se queixa a Júpiter da desgraça dos Lusitanos. Convocado o Concílio dos Deuses, Júpiter declara-se do lado dos Lusitanos.²⁰

Canto II:

Depois que as naus são recebidas no porto, D. João de Castro explora a região envolvente, Vénus apresenta-se-lhe, e condu-lo ao Templo de Palas, onde lhe mostra os Reis da Lusitânia.²¹

Canto III:

Vénus continua a mostrar a D. João de Castro os principais Heróis Lusitanos, que brilharam no tempo de cada um daqueles Reis. Depois de Minerva, protetora do Templo, o ter informado da Vitória, D. João de Castro recebe as armas, fabricadas por Vulcano, antes de tudo um escudo, no qual o próprio admira os feitos outrora futuros cinzelados com arte admirável. Por fim, volta à armada, e parte da costa.²²

Canto IV:

Enquanto Castro navega para Diu, Baco desce aos Infernos para pedir auxílio a Plutão. Alecto avisa em sonhos Rumeção, tomando a aparência de seu pai Sofar, para que, antes de o Castro aportar à cidade, se apodere dela. Os Lusitanos são reconduzidos ao último momento crítico.²³

Canto V:

²⁰ Em latim (Caetano de Bem 1739): “*Joannes Castrius, e Goa in auxilium Dii navigans, vi tempestatis premitur, quam excitat Bacchus, consiliato sibi Aeolo. Sedat tempestatem Neptunus Veneris precibus; quae apud Jovem de Lusitanorum calamitate queritur. Juppiter evocato Deorum Concilio, in Lusitanorum partem se declarat.*”

²¹ Em latim (Caetano de Bem 1739): “*Postquam naves in portu recipiuntur, Castrius dum circum regionem explorat, Venus ipsi occurrit, atque eum ad Templum Palladis ducit, ubi Lusitaniae Reges illi demonstrat.*”

²² Em latim (Caetano de Bem 1739): “*Pergit Venus Castrio demonstrare praecipuos Heroas Lusitanos, qui sub uniuscujusque Regis tempore claruerunt. Deinde a Minerva, Templi Praeside, de Victoria certiori factó, arma recipit Castrius, a Vulcano fabricata, Clypeum in primis, in quo ipse res olim venturas mira arte caelatas admiratur. Denique ad Classem revertitur, et e litore solvit.*”

²³ Em latim (Caetano de Bem 1739): “*Dum Castrius in Dium navigat, Bachus ad inferos Plutoni auxilium rogaturus descendit. Alecto Rumeceanem, patrem ejus Sofarem simulans, in somnis admonet, ud prius, quam Castrius ad Urbem appellat, illam capiat. Lusitani ad ultimum discrimen reducuntur.*”

Por fim, quando Castro aporta em Diu, forma uma linha de batalha, e combate o inimigo. Em Diu, combateu-se muito com igual sorte dos dois lados, até ao momento em que os Mouros pareceram desviar-se em fuga. Na verdade, estes, restabelecida a marcha do exército, travam o combate com mais ferocidade. Todavia, precisamente pelos fugitivos e mortos no massacre, Castro triunfa, vencedor. Tétis aprova a vitória, e o monstro marinho dos Deuses, e o Ganges canta um Epinício.²⁴

O imaginário camoniano está presente: não apenas os portugueses são referidos como lusíadas (Caetano de Bem 1739: 81), como não faltam as tágides (Caetano de Bem 1739: 55), patronímico cunhado, como é sabido, pela literatura novilatina. Como é curiosa a aventura cega e inacabada da literatura (Lourenço 2019: 65): no século que assistiu ao nascimento da epopeia nacional, o humanista André de Resende foi dos primeiros escritores a dar a conhecer os feitos heroicos dos portugueses na Índia, escrevendo o seu *Epitome rerum gestarum in India a Lusitanis* (1531) (Resende 1991). Aliás, este autor correspondeu-se com D. João de Castro, o herói do poema de Tomás Caetano de Bem, em 1547, e recusou-se a ir com ele para a Índia. Porém, será um poema épico composto por dois cantos e dedicado a São Vicente, figura emblemática da cidade de Lisboa, figura que está na entrada da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa por ser símbolo da Universidade, uma peça fundamental para o enquadramento poético da epopeia nacional. O poema *Vincentius Leuïta et Martyr*, escrito no princípio dos anos 30 quando André de Resende estava em Bruxelas, mas apenas publicado em Lisboa em 1545, foi certamente uma das muitas leituras de Camões (Teixeira 2018). Não devemos separar, portanto, o que sempre esteve em diálogo: a literatura portuguesa escrita em português e a literatura portuguesa escrita em latim.

A par de D. João de Castro, falamos há pouco do “Albuquerque terrível”. Camões juntou-os na poesia; nós juntamo-los no nosso estudo. Nascido no fim do século XVII (1695), Francisco de Pina e Melo é uma figura de fronteira, culturalmente conhecido no século XVIII.²⁵

²⁴ Em latim (Caetano de Bem 1739): “Appulsus tandem Castrius ad Dium, aciem disponit, et cum hoste congregitur. Diu, multumque aequali utrinque fortuna certatum est; donec Mauri in fugam declinare visi sunt. Hi vero, redintegrato agmine, ferocius pugnam committunt. Atamen ipsis demum fugatis, et ad interneccionem caesis, Castrius victor triumphat. Plaudit victoriae Thetis, et Deorum caetus, Gangesque Epinicion canit.”

²⁵ Este autor mereceu um estudo notável, composto por três volumes, levado a cabo por Marta Marecos Duarte (2020).

Apelidado de Corvo do Mondego pelos poetas da geração mais nova, este “fraco poeta, só feliz em rápidos lampejos, num ou noutro verso” (Prado Coelho 1959: 10) deixou uma obra épica assinalável: o *Triunfo da Religião* (1756), *A Conquista de Goa* (1759) e, de acordo com Barbosa Machado, um poema épico, místico e alegórico não publicado, intitulado *O Peregrino ou a Jornada do Herói para o Templo da Fama*. Legou também à história da literatura *Rimas* (três partes publicadas em 1727 e mais duas em 1755).²⁶ A sua *Arte Poética* (1765) mereceu já um estudo detalhado.²⁷

Pina e Melo leu e amou Camões. Desde logo podemos confirmar esta afirmação nas suas *Rimas* (não deixasse logo o título uma pista). Na *Balança Intelectual* (1752), encontramos um autor a defender Camões dos ataques de Verney: “Dizer que Camões teve falta de juízo, a isto só se pode responder, que seja pelo amor de Deus.” (Pina e Melo 1752: 107), embora admita defeitos n’*Os Lusíadas*.

O seu poema *A Conquista de Goa* (Pina e Melo 1759), devidamente anotado pelo próprio autor (prática que já encontramos no citado *Vincentius Leuita et Martyr*), é também um lugar de encontro com o texto camoniano²⁸. Estamos já longe d’*O Phaenix da Lusitânia*: apesar de ser composto por dez cantos, não há divisão estrófica regular, recorrem-se a decassílabos, mas algumas vezes a versos soltos. O herói é Afonso de Albuquerque, Governador da Índia entre 1509 e 1515, cujos feitos se registam no canto X d’*Os Lusíadas* (a conquista de Goa nas estrofes 42 e 43). Para Camões, há, porém, uma nódoa negra e feia neste herói: dito em prosa - ter castigado o companheiro Rui Dias por se envolver com moça moura, acusação que o levou à forca; dito em poesia - “Dar extremo suplício pela culpa / Que a fraca humanidade e Amor desculpa.”²⁹ Pina e Melo recupera este herói camoniano, pois serve-lhe para definir o herói ideal, para ele cristão.

Se o seu amor por Camões é evidente nos textos teóricos, no poema comprova-se a cada passo. Ele é o “nosso Camões” nas várias anotações que surgem em rodapé ao poema; porém não o imita servilmente. Um exemplo claro: para Pina e Melo, o seu herói, logo na tempestade do canto I, deve definir-se pela constância “Sempre como firmíssima coluna / Nos giros mais violentos da fortuna” (Pina e Melo

²⁶ As *Rimas* foram editadas no volume 2 da tese de Marta Marecos Duarte (2020).

²⁷ Merece referência o trabalho de António Manuel Esteves Joaquim publicado em 2005.

²⁸ O estudo de Manuel Ferro (2011) apresenta o poema aos leitores interessados.

²⁹ *Os Lusíadas*, canto X, est. 46.

1759: canto I, vv. 255-256). Em nota esclarece o leitor que não imitou Virgílio quando apresenta Eneias a tremer com os membros enregelados, nem aprova o desenho do herói Vasco da Gama traçado por Camões: “O nosso Camões seguiu inteiramente a Virgílio na tempestade do 6. Canto, desde a oitava 80. e também não aprovo que ele dissesse: *Confuso do temor da vida incerto, / Onde nenhum remédio lhe valia.*” (Pina e Melo 1759: nota de rodapé ao verso 255 do canto I). Para Pina e Melo o herói nunca deve temer, pois Deus é a sua força. Contudo, perguntamos: não será também porque Camões, o nosso Virgílio, compreende a nossa fraca humanidade que o amamos como a outro nenhum, como escreveu um dia Vergílio Ferreira (1985)?

Nos séculos XVII e XVIII, Camões era um modelo literário amado, quantas vezes por críticos/leitores de olhar embaciado por esse mesmo amor. Fiquemos-nos pelos *Franciscos*. Do século XVII, citemos apenas a *Corte na Aldeia* (1619) de Francisco Rodrigues Lobo (aquele que a dar exemplos de antonomásia chama Camões de *O Poeta*) (Lobo 1991: 186-187) e o *Hospital das Letras* de D. Francisco Manuel de Melo (no qual diz Bocalino sobre o doente Camões: “Ora contente-se que, se na vida foi dos mais mofinos, foi na morte dos mais venturosos”) (Melo 1998-1999: 51). Do século XVIII, bastam-nos a *Nova Arte de Conceitos* (1718-1721) de Francisco Leitão Ferreira³⁰ e a *Arte poética* (1748) de Francisco Freire.³¹

Filhos do seu tempo, Manuel Tomás, Tomás Caetano de Bem e Francisco de Pina e Melo foram poetas que leram e amaram Camões e que merecem de nós aquele verso mágico d’*Os Lusíadas* (Almeida 2013: 260), que muda sempre tudo, na vida e na literatura: “*Quem és tu?*”³² Se, em busca de Camões, encontrarmos ilhas de poesia nestes mares de palavras, ficará justificado o esforço da viagem. Parece então verdade o que diz no soneto “A Camões” o brasileiro Manuel Bandeira (1886-1968), poeta de uma ternura camonianiana: “Não morrerá sem poetas nem soldados / a língua em que cantaste rudemente.” Há, porém, um verso anterior do soneto que não podemos atropelar: “enquanto o fero canto ecoar na mente”. E é certo que esse canto apenas ecoará se

³⁰ Em 2019, Belmiro Fernandes Pereira preparou o volume *Primeira arte de retórica*, que contém a obra referida de Leitão Ferreira, acompanhada de um estudo introdutório. Neste estudo, o autor ensina-nos que Camões surge citado nesta arte retórica pelo menos 67 vezes, sendo o único moderno que rivaliza com os clássicos em número de citações. p. 27.

³¹ Mereceu edição coordenada por Micaela Ramon publicada em 2019.

³² *Os Lusíadas*, canto V, est. 49.

houver sempre a ousadia de querer regressar pela leitura³³ a esse “plural e insolúvel coração” (Lourenço 2019: 61) que é Camões.

Bibliografia

Aguar e Silva, Vítor Manuel (2008): *A lira dourada e a tuba canora: novos ensaios camonianos*, Lisboa, Cotovia.

Almeida, Isabel (2013): «"Se nenhum amor pode ser perdido". Sophia e Camões», *Sophia de Mello Breyner Andresen, Actas do Colóquio Internacional*, Porto, Porto Editora, pp. 252-262. Disponível em:

<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/32947/1/Se%20nenhum%20amor%20pode%20ser%20perdido.pdf> (último acesso em 10/11/2021)

Almeida, Isabel (2015): “Edições dos séculos XVII e XVIII”, *A Biblioteca Camoniana de D. Manuel II: Camões nos prelos de Portugal e da Europa (1563-2000)*, coord. José Augusto Cardoso Bernardes, Coimbra, Imprensa da Universidade/Fundação da Casa de Bragança, pp. 23-39.

Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/32957> (último acesso em 10/11/2021)

Alves, Hélio J. S. (2001): “Os Épicos Maiores: para uma nova história da poesia portuguesa”, in Isabel Allegro de Magalhães, *História e Antologia da Literatura Portuguesa. Século XVI (volume II, tomo II)*. Edição fac-similada em 2007, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 83-94.

Branco, Camilo Castelo (1986): *Curso de Literatura Portuguesa*, prefácio de Viale Moutinho, 2. ed., Lisboa, Labirinto.

Caetano de Bem, Tomás (1739): *Illustrissimo ac praeclarissimo domino Nonio Alvares Pereira de Mello, Castreidos libros V*, Lisboa, Ducis Cadavalensis Typograp. Disponível em:

<https://archive.org/details/illustrissimoacp00bemtuoft> (último acesso em 10/11/2021)

³³ A crítica, felizmente, não para de regressar a Camões. Citamos, a título de exemplo, Nuno Júdice (2019):

“Há muitos outros Camões para lá do muito que já conhecemos. É a sua leitura, como vimos, que abre o caminho para os encontrar, correndo riscos ao colocar novas hipóteses, ou retomando outras a partir de uma nova perspectiva, mas o risco é, por vezes, o caminho para verdades possíveis, e quando se trata de um grande poeta, sempre provisórias.” (Júdice 2019: 118).

- Camões, Luís de (2005): “Comédia de Filodemo”, *Teatro Completo*, edição de Vanda Anastácio, Lisboa, Caixotim, pp. 77-176.
- Camões, Luís de (2017): *Obras Completas de Luiz Vaz de Camões. I Volume Épica e Cartas*, organização, introdução e notas de Maria Vitalina Leal de Matos, Lisboa, E-Primatur, 2017.
- Carvalho, José Adriano de Freitas (1981): “Frei Martín Sarmiento, O.S.B. e *Os Lusíadas*”, *Sep. Arq. Centro Cultural Português*, 16, Paris, Fund. Calouste Gulbenkian - Centro Cult. Port., pp. 345-358.
- Ceia, Sara Bravo (2010): *Os Académicos Teatinos no tempo de D. João V: Construir Saberes enunciando Poder*, dissertação de mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/10362/5345>
(último acesso em 10/11/2021)
- Cerqueira, Luís (2013-2014): “Para onde foi o género épico?”, *Dedalus. Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, nº 17-18, volume I, APLC, Edições Cosmos, pp. 447-458.
- Cidade, Hernâni (1948): *A literatura autonomista sob os Filipes*, Lisboa, Sá da Costa.
- _____ (1984): *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas (séculos XV, XVI, XVII)*, vol. I, 7ª ed., Coimbra, Coimbra Editora.
- Duarte, Marta Marecos (2020): *Vozes consoantes, Vozes dissonantes. Pina e Melo e a cultura literária do século XVIII: sujeito autoral, polémica e poéticas*, Coimbra, Disponível em:
<https://eg.uc.pt/handle/10316/95454> (último acesso em 10/11/2021)
- Ferreira, Francisco Leitão (2019): *Primeira arte de retórica*, coordenação de Belmiro Fernandes Pereira, *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa*, dir. José Eduardo Franco, Carlos Fiolhais, [S.l.], Círculo de Leitores.
- Ferreira, Vergílio (1985): “Camões e o negativo”, *Camoniana Californiana: commemorating the quadricentennial of the death of Luís Vaz de Camões*, Santa Barbara, Jorge de Sena Centre for Portuguese Studies, University of California e Lisboa, ICLP, Bandanna Books, pp. 196-211.

- Ferro, Manuel (2004): *A recepção de Torquato Tasso na épica portuguesa do Barroco e Neoclassicismo*, Coimbra, [Edição do Autor].
- _____ (2011): “A Exaltação da Fundação do Império Português do Oriente na *Conquista de Goa* (1759), de Francisco de Pina e Melo.”, *Goa. Portugal e o Oriente: História e Memória*, Coimbra, Palimage / CHSC, pp. 35-65.
- Figueiredo, Fidelino de (1993): *A Épica Portuguesa no século XVI*, ed. fac-similada com apresentação de António Soares Amora, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Freire, Francisco José (2019): *Primeira Arte Poética*. Coord. Micaela Ramon. Versão dos textos latinos José Carlos Lopes de Miranda, João Diogo Loureiro, Ricardo Ventura. *Obras pioneiras da cultura portuguesa*, dir. José Eduardo Franco, Carlos Fiolhais, [S.l.], Círculo de Leitores.
- Galhegos, Manuel de (2000): “Discurso Poético de Manuel de Galhegos”, *Ulisseia ou Lisboa Edificada*, II volume, texto estabelecido e comentado J. A. Segurado e Campos, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 445-463.
- Garrett, Almeida (1984): *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa, Obras Completas de Almeida Garrett*, [Lisboa], Círculo de Leitores.
- Gomes, João Pereira (1974): “Camões nas Escolas Jesuíticas do século XVIII.”, separata da revista *Bracara Augusta* vol. XXVIII, nº 65-66, (77-78), Braga: s.n., pp. 160-178.
- Jauss, Hans Robert (1993): *A Literatura como Provocação (História da Literatura como Provocação Literária)*, pref. e trad. Teresa Cruz, S/l, Vega.
- Júdice, Nuno (2019): *Por cantos nunca dantes navegados*, Lisboa, Sibila.
- Lobo, Francisco Rodrigues (1991): *Corte na Aldeia*, introdução, notas e fixação do texto de José Adriano de Freitas Carvalho, Lisboa, Editorial Presença.
- Lourenço, Eduardo (2019): *Estudos sobre Camões. Volume VI das Obras Completas de Eduardo Lourenço*, coordenação, introdução e notas de José Augusto Cardoso Bernardes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Macedo, José Agostinho de (1841): *Advertência à Viagem Extática ao Templo da Sabedoria*, poema em quatro cantos, Braga, Imp. por J. H. d'O. M. Disponível em:

<https://archive.org/details/1841viagemextati00mace/page/n4> (último acesso em 10/11/2021)

Mascarenhas, Brás Garcia de (1996): *Viriato trágico em poema heroico*, reed. fac-similada com apresentação de José V. de Pina Martins, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Melo, Francisco Manuel de (1998-1999): "Hospital das Letras", *Apólogos Dialogais*, volume II, introdução, fixação de texto e notas de Pedro Serra, Braga, Angelus Novus, pp. 39-140.

Meneses, Francisco Xavier de (1741): *Henriqueida, poema heroico com advertências preliminares das regras da poesia épica, argumentos e notas*, Lisboa Occidental, na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca. Disponível em:

<https://archive.org/details/henriqueidapoema00eric> (último acesso em 10/11/2021)

Monteiro, Ofélia Paiva e Urbano, Carlota Miranda (2019): *Francisco Xavier De Meneses, IV Conde da Ericeira: O Raiar das "Luzes" entre Fastos Barrocos*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

Disponível em: <https://ucdigitalis.uc.pt/pombalina/item/55077>

(último acesso em 10/11/2021)

Nascimento, Cabral do (1940): "A Fundação e a Restauração na poesia épica", *Revista dos Centenários*, nº 14. Comissão Executiva dos Centenários, Lisboa, Secretariado da Propaganda Nacional, pp. 1-5. Disponível em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/RevistadosCentenarios/RevistadosCentenarios.htm> (último acesso em 10/11/2021)

Nascimento, Cabral do (1949): *Poemas narrativos portugueses: comentários, enumeração e excertos*, Lisboa, Minerva.

Peixoto, Afrânio e Pedro A. Pinto (1924): *Dicionário d'Os Lusíadas de Luís de Camões*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves.

Pina e Melo, Francisco de (1752): *Balança intellectual em que se pezava o merecimento do Verdadeiro Methodo de Estudar...* Lisboa, na Officina de Manoel da Silva.

Pina e Melo, Francisco de (1756): *Triunfo da Religião, poema épico-polémico*, Coimbra, na Off. de Antonio Simões Ferreyra. Disponível em:

<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015062930626;view=1up;seq=5> (último acesso em 10/11/2021)

Pina e Melo, Francisco de (1759): *A Conquista de Goa por Afonso de Albuquerque*, Coimbra, no Real Collegio das Artes da Comp. de Jesus. Disponível em:

<https://archive.org/details/conquistadegoapo00mell> (último acesso em 10/11/2021)

Pina e Melo, Francisco de (2005): *Arte Poética de Francisco de Pina e Melo*, estudo introdutório, edição e notas de António Manuel Esteves Joaquim, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Pinilla, José Antonio Sabio (1990): *La crítica a "Os Lusíadas" en Portugal (1572-1987)*, Granada, Departamentos de Filologías Romanica, Italiana, Gallego-Portuguesa y Catalana.

Pires, Maria Lucília Gonçalves (1982): *A crítica camoniana no século XVII*, [Lisboa], Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Disponível em:

<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes.html> (último acesso em 10/11/2021)

Prado Coelho, Jacinto do (1959): "A musa negra de Pina e Melo e as origens do pré-romantismo português", separata das *Memórias* (Classe de Letras, tomo VII), Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.

Quevedo, Vasco Mouzinho de (2013): *Afonso africano: poema heróico da presa de Arzila e Tânger*, apresentação de José António Segurado e Campos, estudo histórico-literário, edição crítica e dicionário por Manuel dos Santos Rodrigues, Setúbal, Câmara Municipal.

Ramalho, Américo da Costa (1980): *Estudos Camonianos*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.

Ramon, Micaela (2002): "Reflexos d'Os Lusíadas na epopeia barroca portuguesa", *Actes du XV^{ème} Congrès International de la Société Rencesvals – L'épopée médiévale*, 2 vol, Poitiers, pp. 475-479. Disponível em:

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/61061> (último acesso em 10/11/2021)

Resende, André de (1991): *Epitome rerum gestarum in india anno mdxxx* [texto policopiado]: uma intervenção na Europa, texto, trad., anot. e coment. por António Jorge da Silva, Coimbra, [s.n.].

Rodrigues, Manuel dos Santos (2010): “Entre Camões e Tasso: os caminhos da poesia épica portuguesa seiscentista”, *Géneros literários. Continuidades e rupturas da Antiguidade aos nossos dias*, coord. Inês de Ornellas e Castro e Vanda Anastácio, Lisboa, CEC, FLUL, pp. 59-72.

Santos, Cidália Alves dos (2017): *La influencia de Os Lusíadas de Camões en la épica en castellano, 1578-1627*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

Silva, José Maria da Costa e (1854): “Phenix da Lusitania”, capítulo V, livro XIV, *Ensaio Biographico-Crítico sobre os Melhores Poetas Portugueses*, tomo VII, Lisboa, Imprensa Silviana, pp. 84-96.

Soares, Martinho (2020): “Quem foi Manuel Tomás, autor da *Insulana?* Um *lapsus linguae* e outros equívocos”, *O Mundo Clássico e a Universalidade dos seus valores: Homenagem a Nair de Nazaré Castro Soares. Volume II*. António Rebelo e Margarida Miranda (coords.), Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 179-185. Disponível em:

<http://monographs.uc.pt/iuc/catalog/download/162/325/601-1?inline=1> (último acesso em 10/11/2021)

Sousa, Sérgio Paulo Guimarães de (1998): “Sobre a recepção de *Os Lusíadas* em França até ao século XVIII”, *Boletim do Centro de Estudos Portugueses* – v. 18, n. 23, Universidade Federal de Minas Gerais, pp. 43-82. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/8890> (último acesso em 10/11/2021)

Teixeira, Gil Clemente (2018): *Entre textos: da epopeia Vincentius Leuita et Martyr de André de Resende a Os Lusíadas de Camões*, dissertação de mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes, orientada pelo Professor Doutor Belmiro Fernandes Pereira, FLUP. Disponível em:

<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/111672> (último acesso em 10/11/2021)

- Tomás, Manuel (1649): *O Phaenix da Lusitânia ou aclamação do Sereníssimo Rey de Portugal Dom João IV*, Ruam, Lourenço Maurry. Disponível em:
<https://archive.org/details/ophaenixdalusita00thom> (último acesso em 10/11/2021)
- Urbano, Carlota Miranda (2004): *Santos e heróis: a épica hagiográfica novilatina e o poema Paciecidos (1640) de Bartolomeu Pereira SJ*, Coimbra, [s.n.].
- Urbano, Carlota Miranda (2005): “O *Ignatiados* de António Figueira Durão (1635)”, *Gramática e Humanismo, Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres*, vol. II, org. Miguel Gonçalves et alii, Braga, Altheia, pp. 225-246.
- Verney, Luís António (1991): *Verdadeiro Método de Estudar (cartas sobre Retórica e Poética)*, introdução e notas de Maria Lucília Gonçalves Pires, Lisboa, Editorial Presença.